

# "É preciso distribuir renda"

Continuação da pág. E1

## A inflação hoje preocupa?

— Temos que olhar sob duas perspectivas. Para quem teve toda a inflação do passado, é muito pouca. Mas não podemos ignorar a existência dela. Manter a inflação sob controle dá trabalho. Se afrouxar a redea, não tem certeza de que no mês seguinte vai recuperar. Basta ver 2002. No período pré-eleitoral, a inflação desparou, mas levamos três anos para fazê-la voltar ao nível pretendido.

## Para o senhor, é válido crescer em taxas maiores, mesmo com inflação maior?

— Não tenho a menor dúvida de que a opção de não controlar a inflação em prol de um crescimento maior é um erro. Se você deixa de controlar a inflação, isso fará com que, lá na frente, tenha que rever sua decisão. Portanto, o crescimento não será sustentável. Será passageiro e sem controle. Vai ter que abrir mão da continuidade do crescimento tendo em vista o risco que a inflação pode causar na economia. E melhor não perder o controle. Mas isso não significa que deve-se impor à economia crescimento lento. Nem tudo que causa inflação pode ser combatido por política monetária. Agora, o Brasil está crescendo e o investimento também. Esse investimento vai aumentar a oferta de produtos na economia. A demanda pode crescer porque haverá produtos suficientes. Por outro lado, muitos que não tinham renda, terão, para poder comprar. Portanto, não haverá pressão de preços, uma vez que, com a folga cambial, o país pode recorrer à importação para suprir necessidade de produtos. Hoje, o Brasil tem US\$ 180 bilhões e superávit na balança comercial de US\$ 40 bilhões.

## Mas foi a primeira queda na balança comercial em 10 anos. A culpa é do real valorizado?

— Do real valorizado, do crescimento da economia e do fato positivo de que essas importações contribuíram para o controle da inflação. O fenômeno da importação de bens de capital, matérias-primas e bens de consumo vem se somar aos produtos nacionais para colocar à disposição dos consumidores os produtos que eles querem comprar. Se há uma redução do saldo comercial, mas o preço é a inflação sob controle, isso é absolutamente benéfico.

## O que significa crescer acima da inflação?

— Do ponto de vista econômico, nada. Entretanto, em meio século, é a primeira vez que esse fato é registrado para provar que a inflação

está sob controle e que o crescimento econômico não é fator determinante de inflação.

**Alguns estudos dizem que o Brasil tem a 10ª taxa de crescimento na América Latina. A Argentina deve crescer pelo menos 8%.**

A diferença do Brasil para a Argentina é que eles estão crescendo com inflação. Já é um motivo de não me causar inveja. O próprio crescimento da Argentina só tem sido possível devido a um longo período de recessão que viveu há pouco tempo. Crescer depois de ter despendido é muito mais fácil. A aceleração da inflação vai impor barreiras lá na frente. A Argentina não é o exemplo que devemos seguir.

## E qual seria? A China?

— A China cresce mais que o mundo inteiro. Por que eu iria me sentir complexado? China é um outro mundo e é esse outro mundo que ajuda o Brasil a ter as reservas que temos, com a entrada desse novo e grande comprador no comércio internacional. Há um espaço que o Brasil pode ocupar, do biocombustível, dos alimentos e das matérias-primas. O Brasil tem que saber que isso não se sustenta no tempo sem uma preocupação conservacionista.

## O meio ambiente está no centro das atenções.

Não posso aproveitar esse trem-bala do crescimento e embarcar nele consumindo meus recursos não-renováveis. Não posso ter pressa em promover investimentos se eu não tiver certeza do seu impacto ambiental e sua sustentabilidade ao longo do tempo. É melhor que os investimentos se deem de forma mais demorada, mas segura.

## O Banco Mundial elevou o Brasil à sexta maior economia do mundo. O que isso significa?

Nós não podemos nos iludir com essa melhoria do ranking enquanto ela também não vier acompanhada de uma melhoria na distribuição de renda. O PIB do país pode até crescer de forma até significativa, mas preciso saber como ele é repartido. O que sobra? É essa sobra que vai determinar o mercado das empresas. A indústria automobilística está comemorando em 2007 a produção de 3 milhões de automóveis. Mas desde 1997, o Brasil já tinha condições de produzir essa quantidade. Não tinha era consumo. Não tinham financiamentos de 80 vezes. Os juros eram muito altos. Só pôde haver queda de juros com a queda da inflação e as contas externas favoráveis. Hoje equaciono problema da dívida, temos reservas internacionais, conseguimos reduzir a taxa de juros.

## Assim, o país pode ter o tão esperado 'investment grade'?

Tem que haver seletividade para a natureza desse grau de investimento. O investidor que vem para a Bolsa, para aplicações de curto prazo, papéis, não é interessante. Ele não vem assumir risco. Qualquer ameaça de perda, retorna. Não é um capital que, do ponto de vista da estabilidade da economia, seja bom. O interessante é o capital de longo prazo. O que cada investidor precisa saber é o tamanho do mercado onde ele vai atuar.

## Como está o planejamento do IBGE para 2008 e para o grande censo de 2010?

— Do ponto de vista gerencial para



**66**  
O PIB do país pode até crescer de forma significativa, mas é preciso saber como ele é repartido

o IBGE, essa década é extremamente positiva. A instituição conseguiu executar todos os projetos que havia programado. Alguns até com atraso. Em 2007, houve o censo agropecuário, uma operação que estava há quatro anos para ser feita, e a contagem da população para atualização das estimativas. São muito importantes, porque servem de base para o repasse no Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Essa estimativa é feita todos os anos. Quando não a contagem, usamos os métodos de projeção de população, feito de 2001 a 2003.

## A contagem seria feita quando?

Não foi possível fazer nem em 2005, nem em 2006 porque o custo do projeto era muito alto, tendo em vista nossa necessidade de fazer também um censo agropecuário. Estava na casa de R\$ 850 milhões para além do orçamento do IBGE. Chegamos a um acordo com o governo para realizarmos uma operação conjunta



**66**  
Há um espaço que o Brasil pode ocupar, do biocombustível, dos alimentos e das matérias-primas

com o censo agropecuário e contagem da população. O governo sinalizou com o repasse de R\$ 500 milhões. É claro que com essa verba, não daria para fazer tudo o que a gente planejou.

## Qual foi a saída?

— Resolvemos fazer a contagem da população em 2007 só dos pequenos e médios municípios do país, deixando de fora todos os considerados grandes, capitais e os com mais de 170 mil habitantes. Todo Estado que tivesse mais de dois municípios com mais do que essa população, não teria essas

cidades recenseadas.

## O que acontece nesses casos?

— Na Paraíba, tenho Campina Grande e João Pessoa com mais de 170 mil habitantes. Em casos assim, recenseamos todos os municípios, inclusive a capital. Ficaram de fora 129 cidades do país e, portanto, recenseamos 5.435.

## Pode-se chegar a uma conta precisa excluindo-se os grandes municípios?

— Sim. É assim que estimamos para os 5.564 municípios todos os outros anos, quando não há contagem. Mas precisamos calibrar essa estimativa. Ela é tão mais necessária quanto menor o município. Os muito pequenos, alguns de 2 mil habitantes, qualquer movimento para mais ou para menos da população afeta significativamente seu contingente. Já no Rio, não. Mesmo com o movimento, o total da população não vai ser afetado percentualmente. É preciso ter sensibilidade maior para os menores municípios.

## O censo e a contagem foram feitos ao mesmo tempo, então?

— Fizemos um censo agropecuário e uma contagem integrados, já que o recurso foi menor do que precisávamos. Os dois foram feitos ao mesmo tempo. Não uso duas equipes, o mesmo meio de transporte para levar o recenseador e, principalmente, usamos o computador de mão, o PDA, que substituiu o questionário papel.

## Qual a vantagem?

— Fazer o censo de população significa imprimir 50 milhões de questionários em papel, outros 10 milhões para o questionário agropecuário. Tudo isso foi suprimido. Digita direto no PDA e as primeiras críticas de consistência são acusadas pelo próprio computador, na hora.

## Qual o custo para a compra dos PDAs?

— Teve um custo maior, mas com uma diferença. O outro era um custo irrecuperável, imprimir o papel, trabalhava mas não aproveitada. Compramos 82 mil equipamentos e serão utilizados no censo de 2010. Este ano faremos todo trabalho preparatório para o censo demográfico de 2010. Uma parte dos equipamentos já está comprada. Só precisaremos do complemento. Além disso há a vantagem do tempo. Terminamos a contagem em outubro e divulgamos o resultado definitivo em dezembro. Se fosse em papel, teríamos que imprimir certa de 110 mil questionários. Para 10 residências, uma será selecionada para aplicação de um questionário completo. É um caderno de perguntas. Além de idade e sexo, vamos perguntar nível de instrução, renda, taxa de ocupação, renda.

## É difícil calcular a renda do brasileiro, não?

— Em março, faremos uma nova pesquisa, de orçamentos familiares, que será feita anualmente. Vai analisar o padrão de gastos e padrão de renda da população. Todas as rendas, monetárias ou não. O recenseador passará sete dias com essa família, fazendo inventário de todas as formas de renda que o indivíduo teve naquele período. Como é cara, será feita numa amostra de 60 mil domicílios. Essa entrevista só vai terminar em março de 2009, quando começará outra.

## Houve uma mudança na forma de calcular o PIB?

— O PIB é feito por três leituras. A ótica da produção, com a indústria, agroindústria, serviço, governo, comércio, transporte, comunicação. Tem a ótica da despesa. Já que a economia produziu isso, quem compra? Despesa da família, do governo, despesa de investimento que a economia faz, e a despesa que o exterior faz comprando nossos produtos. Se a economia produz e vende, é porque tem renda para comprar. Essa é a terceira ótica, a da renda do trabalho, do capital, do juros. A metodologia das contas nacionais considera essas três leituras.

## E a nova metodologia?

— Para melhor medir esses cálculos, o IBGE introduziu a partir de 1999, uma série de pesquisas para captar melhor as informações de vários setores produtivos da economia na ótica da produção, onde



**66**  
Ter distribuição de renda mais justa não quer dizer que, para o pobre melhorar, o rico precisa ganhar menos dinheiro

está o setor de serviços. O IBGE não tinha uma pesquisa direta voltada para esse segmento da economia.

## E por que só foi divulgado ano passado?

— A coordenação de Contas Nacionais tem que receber todos esses dados, elaborar um novo método de cálculo e só fazer a divulgação da série completa. Não posso divulgar em 2001 dados de 2000 e em 2002 estar com a velha metodologia. Passamos pelo menos quatro anos reabordando tudo desde 1995. Foram 10 anos de revisão com o compromisso de uma vez publicados, todos os anos seguintes passarão a ser divulgados apenas pela nova série. Na primeira quinzena de março, já vamos divulgar o PIB de 2007.

## O IBGE divulgou o PIB dos Municípios que mostra claramente que a concentração de renda permanece mesmo com o crescimento. Crescer significa distribuir renda?

Não quando você cresce e não há política voltada para a melhoria da distribuição de riqueza. Mas quando se cresce, todos se beneficiam, mas a desigualdade continua a mesma. Se gera crescimento de 4% ou 8%, mas a política salarial, tributária, de juros, continuar a mesma, não adianta. O país pode até pular para a sexta economia, mas com a mesma desigualdade social. Quando olha o indicador do IDH, o Brasil galgou estágio superior que de país desenvolvido. Isso foi possibilitado pela melhoria nos indicadores sociais de educação, saúde, expectativa de vida. Uma política em prol de melhor distribuição de renda não quer dizer que, para o pobre melhorar, o rico precisa ter redução de renda.



**66**  
A diferença do Brasil para a Argentina é que eles estão crescendo com inflação